



Fotogaleria
Um espião na
Coreia do Norte



Vídeo
São Paulo, melodia
a régua e esquadro



JORNAL DO DIA | VÍDEOS | MULTIMÉDIA | INFOGRAFIAS | BLOGUES |

| LOJA | ASSINATURAS

🏠 MUNDO POLÍTICA ECONOMIA DESPORTO SOCIEDADE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS ECOSFERA CULTURA

Educação

Razia nos resultados de Matemática no 4.º e 9.º ano

13.06.2012 - 08:12 Por Clara Viana

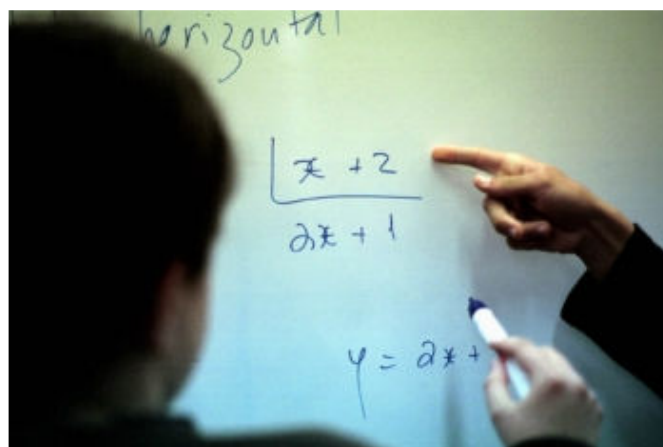
Votar ★★★★★ | 0 votos ★★★★★

0

Gosto

2 de 2 notícias em Educação « anterior

O desastre anunciado está confirmado. A média dos alunos do 9.º ano no teste intermédio de Matemática, realizado em Maio passado, ficou-se nos 31,1%, segundo dados disponibilizados ontem ao PÚBLICO pelo Gabinete de Avaliação Educacional (Gave), o organismo do Ministério da Educação e Ciência (MEC) responsável pela elaboração dos exames.



Os resultados no 9º são um mau prenúncio para o exame à disciplina, já no próximo dia 21 (Adriano Miranda)

Ontem conheceram-se também os resultados das provas de aferição do 4.º ano: a média a Matemática desceu 14 pontos percentuais por comparação a 2011, situando-se agora nos 53,9%. A percentagem de negativas mais do que duplicou, passando de 19 para 43%.

ESTATÍSTICAS

2032 leitores

0 comentários

Miguel Abreu, presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática, faz outras contas, mas todas apontam no mesmo sentido: o que estes resultados mostram é “extremamente preocupante para o ensino e para o futuro do nosso país”, alerta. “Para progredirem mais tarde é absolutamente fundamental que os alunos cheguem ao final do 1.º ciclo com tudo bem sabido, mas as provas de aferição do 4.º ano [que não contam para a nota final] só 25% conseguiu ter um nível A ou B”, que são os mais altos, frisa Miguel Abreu. “Isto quer dizer que só ¼ dos alunos sai do final do 1.º ciclo com preparação adequada para progredir com sucesso”, acrescenta.

A situação agrava-se ainda mais no final do 3.º ciclo. Segundo dados recebidos pela SPM, dos cerca de 90 mil alunos que realizaram o teste intermédio de Matemática em Maio passado, só 10% conseguiu ter um resultado superior a 60%. O que isto significa, realça Miguel Abreu, “é que só perto de 10 mil estão preparados para seguir Matemática A no ensino secundário”, o que também quer dizer que só uma ínfima minoria terá possibilidades de chegar aos cursos e profissões que não existem sem aquela disciplina. É este o problema para o futuro do país.

Elsa Barbosa, presidente da Associação de Professores de Matemática, estava à espera duma razia nos resultados do teste intermédio. O parecer da APM, divulgado no dia da prova, já alertava para tal. “Não foi um teste ajustado à realidade actual dos alunos”, confirmou ontem. No

seu parecer, a APM considerou que o teste, por se apoiar muito no novo programa de Matemática, “prejudica claramente os alunos que ainda estão a trabalhar no programa antigo”. Ontem, o Gave contestou esta leitura: os resultados conhecidos mostram que “a diferença da média das classificações nas escolas onde está em vigor o programa ‘antigo’ e nas escolas que estão a aplicar o programa ‘novo’ foi irrelevante – 0,5 em 100 pontos”, indicou. Quer dizer que o desastre foi total. A APM também já tinha alertado para essa possibilidade, ao considerar desadequada a exigência do teste. “É fundamental que o aumento do nível de exigência seja feito de forma gradual, o que não aconteceu de todo”, frisou no seu parecer.

Português também em queda

Segundo o Gave, a descida dos resultados nos testes intermédios de Matemática, e também de Língua Portuguesa, “decorre, entre outras razões do ajustamento dos níveis de exigência adoptados”. No ano passado, os alunos do 9.º ano realizaram dois testes intermédios de Matemática, que servem de preparação para os exames. As médias foram de 40,7 e 44,2%. No teste de Português chegaram aos 55%, mas este ano desceram para 46,7%.

URL DESTA NOTÍCIA

<http://publico.pt/1550111>

Também na prova de aferição de Língua Portuguesa a média desceu de 69,3% para 66,7% e a percentagem de negativas subiu de 12 para 20%. Ambos os resultados não surpreendem a presidente da Associação e Professores Portugêses, Edviges Ferreira, que atribui a descida na aferição ao facto de a prova ser mais longa do que de costume e no teste intermédio à estrutura da prova e a perguntas que podiam “gerar alguma confusão”.

Miguel Abreu considera que o teste de matemática foi adequado ao nível de exigência que se deve ter no final do 3.º ciclo, mas os resultados mostram “que nem os alunos, nem os professores estavam à espera” daquele tipo de prova”. Desaconselha também por isso alterações bruscas, embora espere que o caminho continue a ser o da “exigência” tanto ao nível dos exames, como do ensino e das aprendizagens. E lembra que os resultados reflectem também outra alteração, já anunciada há uns meses pelo MEC: o fim das perguntas simples, que valiam geralmente “15 a 20 pontos em 100”. “Os alunos que terminam o 9.º ano sem saberem nada, e são cerca de 1/3, nem esses pontos agora tiveram”, acrescenta. **Mudar o ensino**

Elsa Barbosa espera agora que os professores e as escolas façam o que lhes é permitido fazer e não utilizem esta nota para a avaliação final dos alunos. “Deve servir de base de reflexão, de correcção das aprendizagens, mas não deve traduzir-se numa nota que ajude a reprovar alunos”, apela. Falta ainda a prova final, o exame nacional de Matemática, marcado para o próximo dia 21. A pergunta que continua a ser feita é só uma: Será idêntico ao teste de Maio? Todos esperam que não. O exame conta com 30% para a nota final e a ser repetida a experiência, o impacto nos chumbos será atordoador.

Quanto à prova de aferição de Matemática, Elsa Barbosa lembra que a APM já estava à espera de uma descida dos resultados, mas que a dimensão da queda a surpreendeu. O mesmo sucedeu com Miguel Abreu. Elsa Barbosa atribuiu o resultado ao facto de “a prova ser adequada ao novo programa” e de ainda existirem muitos dos alunos que fizeram a maior parte do 1.º ciclo ao abrigo do anterior currículo. “Foi a primeira vez que considerámos a prova adequada ao nível de exigência esperado para o final do 1.º ciclo”, lembra Miguel Abreu.

O futuro? “Mais formação contínua para os professores do 1.º ciclo (este ano não houve) e que o ministério pense numa alternativa para eventuais novos maus resultados no próximo ano, de modo a evitar que a estreia de exames no 4.º ano se salde em mais reprovações”, aconselha Elsa Barbosa.

Miguel Abreu também aconselha mais formação para professores, mas sobretudo insiste na “necessidade de recentrar o ensino da Matemática no que é fundamental aprender: insistir nos conceitos básicos, em exercícios e problemas variados”.